



## AS CATEGORIAS DISCURSIVAS NO CONTEXTO JORNALÍSTICO (THE DISCURSIVE CATEGORIES IN THE JOURNALISTIC CONTEXT)

Doroti Maroldi GUIMARÃES (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

**ABSTRACT:** *This article presents the categories which define the production conditions of the journalistic discourse on the discursive level, relating the global and local contexts, from the analysis of published texts on the newspapers “Folha de S.Paulo” and “O Estado de S.Paulo”, during the 1996 São Paulo’s municipal election.*

**KEYWORDS:** *journalistic discourse; discursive categories; global and local contexts.*

O jornal, como meio informativo que tem acesso ao público, desempenha a importante função de reprodução ideológica. Nesse sentido, faz-se necessário considerar: as condições de produção do discurso jornalístico, entendidas como uma das dimensões constitutivas do discurso definida pelas circunstâncias que determinam os papéis representados pelos protagonistas, na interação comunicativa; e o contexto, entendido tanto do ponto de vista mental quanto da manifestação.

Do ponto de vista mental, o contexto é definido por categorias discursivas interacionais, a saber: Poder, Controle e Acesso, tendo por ponto de partida uma teoria da ação, caracterizada por um sujeito deliberador e intencional. Essa ação, por ser social, é definida pela interação de vários sujeitos, que agem porque querem, e seus fazeres são intencionais. Todavia, é necessário definir a interação discursiva, a partir das condições de produção de um determinado discurso, na medida em que tal interação encontra-se modificada pela atuação do Poder e do Controle, dependendo de como se dá o Acesso ao público.

Do ponto de vista da manifestação, o contexto é definido pela interação de atores reais, que constroem os textos com o uso efetivo da língua, a partir da manifestação de um conjunto complexo de propriedades relevantes de uma situação sócio-cultural concreta. No caso do discurso jornalístico analisado, essa interação se define pelos jornais-empresa *Folha de S.Paulo (FSP)* e *O Estado de S.Paulo (OESP)*, com seus respectivos escalões de atores.

Para a produção das reportagens locais, como as que dizem respeito à eleição municipal paulistana de 1996, o funcionamento é o seguinte: os editores, os pauteiros, a chefia de reportagem e o editor-chefe reúnem-se para preparar uma pauta matinal, ou seja, os assuntos importantes a serem tratados no dia. Essa pauta é entregue aos repórteres, que saem em busca das informações e, posteriormente, de posse dessas informações, enviam-nas à editoração. No início da tarde, é preparada uma nova pauta, para a confirmação da validade das informações coletadas pela manhã, e, da decisão final, participam também os dirigentes do jornal-empresa. As



matérias selecionadas constituem o *pool* de reportagens e são publicadas no jornal. (cf. Bahia, 1990)

Segundo depoimento de um editorialista, a decisão final sobre o que publicar é atribuída ao diretor, configurando, assim, o editorial, como a *voz* do dono do jornal, e o editorialista, por sua vez, o *porta-voz* de um grupo de poder:

*Eu dei a ele uma série de informações sobre a situação; forneci a ele elementos para julgamento sobre os quais eu tenho influência. A opinião final é dele. Mas está decidindo com base em informações que ele está colhendo dos editorialistas.* (cf. Guimarães, 1992)

Assim, no discurso jornalístico, os protagonistas do jornal-empresa procuram pinçar os eventos mais relevantes de acontecimentos que se desenrolam no mundo real, capturar imagens e construir notícias que sejam o inusitado, a novidade, na expectativa do público-leitor, ou que sejam o ignorado, o que o público-leitor quer saber.

Nesse sentido, há interação entre o corpo de protagonistas do jornal-empresa e o seu público-leitor; aquele busca descobrir para noticiar o que é inusitado/ignorado para este. Nesse sentido, as condições de produção do discurso jornalístico são definidas a partir da interação entre os protagonistas, caracterizando a construção textual opinativa pela *relevância* do que é noticiado, pois, estrategicamente, o inusitado/informação nova obriga o público-leitor da notícia a alterar o seu contexto cognitivo anterior, com a entrada de uma proposição ostensiva às demais, que já compunham o seu contexto cognitivo. (cf. Sperber e Wilson, 1994)

Em outros termos, do prisma cognitivo-interacional, o processamento da informação é realizado na memória do produtor, protagonista discursivo. Este, dependendo da entrada da informação, representada em língua, na sua Memória de Curto Prazo, ativa conhecimentos armazenados em sua Memória de Longo Prazo, tanto sociais quanto individuais, para poder fazer inferências. Estas são feitas a partir do que, lingüisticamente, está expresso de forma linear no texto (*on line*), construindo proposições, que têm natureza semântica, e que são construídas alinearmente (*off line*) e reduzidas de forma hierárquica, pois, a partir de sentidos secundários, o produtor constrói sentidos mais globais (macroproposições).

Assim, na memória de trabalho do produtor (público-leitor), conforme se procede a leitura do texto lingüístico linear, vai se construindo um contexto cognitivo, a partir de um cálculo proposicional do que já foi dito e do que se dirá. Estrategicamente, o escritor apresenta saliências, no texto verbal, que obrigam o leitor a produzir inferências ostensivas em relação ao contexto cognitivo já construído na sua memória de trabalho. Em outros termos, intencionalmente, por parte do escritor, o leitor constrói proposição(ões) que quebra(m) a sua expectativa em relação ao seu cálculo proposicional cognitivo, de forma a reformulá-lo, abandonando o que já havia sido mentalmente representado por ele.

A meu ver, as condições de produção do discurso jornalístico são definidas, de forma interacional complexa, por uma hierarquia de categorias, que



definem um contexto global em relação a um local e que são apresentadas em diferentes níveis, dos quais destaco o discursivo.

Para a apresentação das categorias nesse nível (discursivo), tomei, como ponto de partida, as categorias propostas por van Dijk (1997), para os discursos públicos, e as propostas por Bolívar (1994), para o discurso jornalístico.

Para van Dijk (1997), as condições de produção dos discursos públicos são definidas pelas categorias discursivas Poder, Controle e Acesso.

Assim como van Dijk, entendo que o discurso é uma prática social interacional institucionalizada e, portanto, controlada pelo Poder. Nessa prática social, os atos de fala acionam convenções que regulam, institucionalmente, as relações entre sujeitos, atribuindo a cada um deles um estatuto na atividade da linguagem. Nesse sentido, cada sujeito participante representa um determinado papel, dependendo do lugar ocupado por ele.

Como a redação se apresenta hierarquizada, com posições de alto destaque e outras de menor prestígio (Travancas, 1993), apresento os sujeitos participantes de acordo com essa hierarquia.

(a) Dono do jornal (grupo empresarial): ocupa o lugar do Poder, representando o papel de quem dá emprego, contratando e pagando os funcionários do jornal-empresa e de quem seleciona qual público-leitor atingir, nos grupos sociais em conflito; ocupa, também, o lugar de Controle, em nível mais alto que o editor-chefe, o editor, o redator, o chefe de reportagem e o pauteiro.

Na *FSP*, o ator que representa esse papel é Luís Frias e, em *OESP*, Ruy Mesquita.

(b) Editor-chefe, editor, redator, chefe de reportagem, pauteiro: representam o papel de quem seleciona o que informar, para satisfazer o que o público-leitor quer saber, e de como dizê-lo, ou seja, de como representar, em língua, o que é representado, mentalmente, de forma ideológica. O como dizer é estratégico, pois objetiva representar a manipulação do Poder como um ato de fala objetivo e neutro.

Na *FSP*, esse papel é representado por: Luiz Alberto Bahia, Rogério César Cerqueira Leite, Marcelo Coelho, Jânio de Freitas, Matinas Suzuki Jr., Gilberto Dimenstein (licenciado), Luís Nassif, Flavio Pestana, Clóvis Rossi, Carlos Heitor Cony, Celso Pinto, Luís Frias, Otávio Frias Filho, Pedro Pinciroli Jr.. Em *OESP*: Júlio de Mesquita Neto, Oliveiros S.Ferreira, Ruy Mesquita, Júlio César Mesquita, Augusto Nunes e Aluizio Maranhão.

(c) Jornalista: representa o papel de quem é responsável por informar o público-leitor.

Os textos jornalísticos (TJ) analisados, tanto da *FSP* quanto de *OESP*, nem sempre são assinados pelos jornalistas, evidenciando, assim, o controle exercido sobre estes pelos grupos empresariais dos respectivos jornais, como, por exemplo:

- TJ1 (*FSP* - 05/03/96) - É assinado pelo jornalista Emanuel Neri e pelo chefe de reportagem (*Da Reportagem Local*).
- TJ2 (*OESP* - 05/03/96) - Não é assinado.



- TJ3 (*FSP* - 31/07/96) - É de responsabilidade do redator (*Redação*).
- TJ4 (*OESP* - 31/07/96) - É assinado pelo jornalista Silvio Bressan.
- TJ5 (*FSP* - 15/11/96) - É assinado pelo jornalista Clóvis Rossi, pelo editor (*Conselho Editorial*) e pelo redator (*Redação*).
- TJ6 (*OESP* - 15/11/96) - Não é assinado.

(d) Repórter: representa o papel de quem sai em busca da notícia.

Como há muitos repórteres nos dois jornais (*FSP* e *OESP*), não foi possível indicá-los.

(e) Público-leitor: ocupa, como protagonista, o lugar de quem está sendo informado a respeito do que quer saber sobre o que está acontecendo no mundo.

O público-leitor, tanto da *FSP* quanto de *OESP*, predominantemente, é: do sexo masculino; faixa etária entre 20 e 29 anos; nível superior de instrução; classe social A/B; renda familiar entre 10 e 30 salários mínimos.

A relação de lugares cria uma cumplicidade entre o jornal-empresa, seus editores-chefe, editores, redatores, chefes de reportagem, pauteiros, jornalistas, repórteres e seu público-leitor, possibilitando o controle mental, tanto dos participantes dessa prática social quanto do seu público-leitor.

Freqüentemente, esse poder de Controle é compartilhado e distribuído entre muitos grupos poderosos, como, por exemplo, o político. Dessa maneira, as relações de Poder tornam-se complexas, ultrapassando a persuasão, pois há vários padrões de interação, negociação e tramas, que levam à divisão de poder entre os grupos poderosos.

Nos textos analisados, o poder de controle exercido pela *FSP* e por *OESP* é compartilhado e distribuído entre grupos políticos, representados pelos principais partidos políticos brasileiros: Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Progressista Brasileiro (PPB), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido dos Trabalhadores (PT); pelos candidatos (Francisco Rossi, José Serra, Celso Pitta, Luíza Erundina); e pelos políticos influentes (os textos analisados referem-se a Paulo Maluf, Mário Covas e Lula).

Cito, a título de exemplificação, alguns depoimentos publicados na *FSP* (1996), que representam, em língua, como a notícia é manipulada pelo jornalista, devido às alianças entre os grupos de poder:

- José Serra: *Há jornalistas, vários, empenhados em trabalhar para outras candidaturas, como por exemplo o jornalista da Folha, claramente empenhado em alguma outra candidatura. Sistemáticamente mente e falseia a respeito da nossa campanha. Há jornalistas que preferem a candidatura A ou B e quando são alocados para a minha campanha, através de notícias distorcidas, fazem campanha para outros candidatos. Isso, para mim, chama-se desonestidade.* Este candidato diz, ainda, estar saturado da cobertura



*mentirosa, desonesta, que não informa a população. (FSP, 23/08/1996)*

- Paulo Maluf: *Acho que o papel da Folha e da grande imprensa se assemelham ao de um Tribunal de Contas que fiscaliza todos os dias. Os jornais são como um auditor, e isso é bom. Quando um jornal faz uma denúncia, ele ajuda o governante de plantão. O que eu critico na imprensa é o fato de o 'lide' das reportagens não coincidirem com as informações do resto do texto. (FSP, 19/02/1996)*
- Guilherme Afif Domingos: *Há sempre aquela frase segundo a qual 'político que se queixa da imprensa é o mesmo que marujo que se queixa do balanço do mar'. Sobre a mídia em geral, as manchetes dos últimos tempos põem em relevo o Estado e não a nação. Mas o Estado é o problema e não a solução. Com isso, a mídia concentra excessivamente sua atenção em Brasília e ignora aqueles que estão encontrando novas vias para a sobrevivência. (FSP, 19/02/1996)*

Assim, o controle mental dos indivíduos que ocupam esses lugares, na prática social do discurso jornalístico, é realizado pelo texto e pelo contexto, controlando-se o que se diz e como se diz, e criando-se, dessa forma, uma cumplicidade entre todos os participantes. Essa cumplicidade resulta do ocultamento do sujeito do Poder, que manipula o controle mental dos demais participantes e dos grupos sociais.

Essa afirmação pode ser demonstrada por uma quantidade enorme de textos que ocultam o Controle, como, por exemplo:

- *Quando eu era pequeno, eu percebi que era só agradar os outros que eu conseguia o que eu queria: elogios pro papai... aumento na mesada; elogios pra titia... um brinquedinho novo de presente. Coisa de criança, né? É... época boa aquela! Ah! Agora eu sou um adulto. Eu virei um jornalista. Então agora, né? Agora o que eu faço: eu agrado senador; eu agrado delegado; eu agrado empresário; eu agrado meu chefe; eu agrado cartola; eu... eu agrado em geral, né? Se é isso que você quer de um jornal, não leia a Folha. Folha de S.Paulo. Não dá pra não ler." (Propaganda veiculada pela TV, em julho de 1997)*
- *Em jornalismo não existe 'politicamente correto'. Só existe correto.*  
(Propaganda veiculada pela revista *Veja*, em julho de 1995)

Bolívar (1994), ao tratar do discurso jornalístico, apresenta, também, as suas condições de produção, pelas seguintes categorias: Interação Social, Participantes e Texto. Para mim, essas categorias são, hierarquicamente, inferiores às categorias propostas por van Dijk, na medida em que estão definindo um contexto mais local.

A Interação Social está relacionada à busca de uma coesão de grupos sociais em conflito. Isso porque os seres humanos diferenciam-se, na sociedade, por serem membros de grupos com universos ideológicos diferentes, e o discurso



jornalístico objetiva interacionar com eles, neutralizando-os, na medida em que constrói suas opiniões. Os Participantes são em número de dois, porque é a quantidade mínima necessária numa interação comunicativa e são eles que atuam para a construção do texto verbal, ou seja, o leitor acata o que o texto diz, por ter sua mente já controlada, e o que lê é o que quer ler: o jornalista diz, no texto, o que o Poder quer que ele diga e porque o leitor já está controlado, é isso que ele quer ler; dessa cumplicidade decorre o sucesso do jornal-empresa. O Texto, independente dos dois participantes que o constroem, é descrito em dois planos: um que o relaciona aos participantes, dando-lhe forma e estilo; e outro que tem a ver com o seu conteúdo, já que é um registro de experiências vividas e que são informadas.

Assim, os textos da *FSP* e de *OESP* são construídos pela interação dos protagonistas, que atuam no jornal-empresa (eu), com o seu público-leitor (tu) que, por sua vez, interage com outros grupos sociais em conflito. Em outras palavras, os indivíduos pertencentes ao corpo da prática social do jornalismo são capazes de entrar em acordo a propósito das representações de linguagem, para atingir um determinado fim: construir a opinião do público-leitor para que ele a divulgue por grupos sociais, de forma a neutralizar conflitos, construindo a opinião pública.

**RESUMO:** *Este artigo apresenta as categorias que definem, no nível discursivo, as condições de produção do discurso jornalístico, relacionando os contextos global e local, a partir da análise de textos publicados nos jornais “Folha de S.Paulo” e “O Estado de S.Paulo”, durante a eleição municipal paulistana de 1996.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Discurso jornalístico; categorias discursivas; contextos global e local*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, J. *Jornal, história e técnica: As técnicas do jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- BOLÍVAR, A. *Discurso e Interacción en el Texto Escrito*. Caracas: Universidad Central de Venezuela. Consejo de Desarrollo Científico y Humanístico, 1994.
- GUIMARÃES, D. M. *Um estudo da organização textual de editoriais de jornais paulistanos*. São Paulo: PUC. Dissertação (Mestrado), 1992.
- SPERBER, D. & WILSON, D. *La Relevancia – Comunicación y procesos cognitivos*. Trad. Eleanor Leonetti. Madrid: Visor Dis.S.A., 1994.
- TRAVANCAS, I.S. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.
- VAN DIJK, T. A. *Discourse as Social Interaction. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction Vol.2*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 1997.